

Mesa redonda: PROMOÇÃO DOS ODS NAS ESCOLAS: DESAFIOS PARA UMA PRÁTICA SUSTENTÁVEL

Educar para a sustentabilidade: desafios para a formação da identidade ambiental e da cidadania planetária

Claudia Pato
Universidade de Brasília

Os direitos humanos e a sustentabilidade da vida no planeta se converteram em temas centrais nos últimos anos. Referendados pela Organização das Nações Unidas (ONU) estão presentes nos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), que definem as metas a serem alcançadas pelas distintas nações até o ano 2030: Agenda 2030 (ONU, 2015). A formação das atuais e das novas gerações comprometidas com os pilares universais do direito à vida com qualidade, inclusão e justiça socioambiental converte a educação em um pilar central para a construção dessa civilização planetária e cidadã. Além disso, a própria educação recebe destaque nesses ODS, sendo enfatizada no objetivo 4, que trata da “educação de qualidade, inclusiva, equitativa e para todos ao longo da vida”. Especialmente a educação formal e escolar, devido a sua intencionalidade e função mediadora dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, assume um papel central e protagonista na formação inicial dessa cidadania planetária, sem, no entanto, prescindir de sua continuidade. A educação escolar enfrenta enormes desafios para conciliar os distintos e, muitas vezes concorrentes, valores e construir uma ética que priorize a vida em suas múltiplas manifestações. Aos já conhecidos desafios decorrentes da falta de articulação entre os distintos campos e áreas do conhecimento, com um olhar inter e transdisciplinar (Lima & Pato, 2021), da escassez e do corte de recursos, das condições precárias de estrutura e condições de trabalho e da formação continuada de professores, sobretudo nas escolas públicas, somam-se os decorrentes da pandemia de Sars-Cov-2 (COVID19), que vêm evidenciando atrasos no desempenho escolar e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil, associados ao isolamento social e às desigualdades nas oportunidades, entre outros (Barbosa, Anjos, & Azoni, 2022). Não bastasse esse contexto, os valores conservadores e mais individualistas vêm ganhando destaque no cenário brasileiro e mundial (Severo, 2020; Severo & Guerra, 2022; Weller & Bassalo, 2020), na contramão do que se espera com a Agenda 2030. Logo, os objetivos do desenvolvimento sustentável parecem estar sendo comprometidos. Considerando-se que os valores são construídos socialmente (Sagiv, Roccas, Cieciuch, & Schwartz, 2017) e, portanto, podem ser aprendidos, além de serem nucleares no sistema pessoal, social e cultural (Lapa & Pato, 2021), orientando processos decisórios e relacionais, é urgente que a educação seja centrada nos valores e que estes sejam transformados em seu eixo transversal, devendo ser ativados continuamente no cotidiano escolar. É preciso que as crianças vivenciem situações virtuosas, de relações que sejam baseadas em valores de respeito, cooperação, solidariedade, justiça e tolerância, entre outros, e tenham oportunidade de expressar seus sentimentos para que aprendam a ser virtuosas. Nesse sentido, a mediação pedagógica e simbólica é essencial para provocar reflexão e despertar sentimentos positivos e construtivos. É preciso confrontar e autoconfrontar os valores individualistas para que seja possível a abertura aos e a formação dos valores mais coletivistas e inclusivos, chamados de autotranscendentes, porque são orientados para o bem comum de uma coletividade mais ampla, incluindo a natureza e as futuras gerações (Pato, 2011; Schwartz, 2017). Valores esses alinhados aos ODS. Nesse processo de educação e de autoeducação centrado nos valores mais ecológicos e inclusivos é possível contribuir para a formação da identidade ambiental das crianças e dos jovens (Bruni, Schultz, & Woodcock, 2021), de modo que se considerem integrados à natureza e orientados pelo princípio de respeito à vida em suas

diversas e distintas manifestações em seus processos inter-relacionais e socioambientais. Crianças e jovens que crescem desenvolvendo um sentido de pertencimento à natureza, que valorizam a vida indistintamente, que respeitam o outro, mesmo o desconhecido, e que são mais solidárias e colaborativas tendem a proteger a natureza, a agirem de forma mais empática e sensível em suas interações socioambientais, entre outros (Asah, Bengston, Westphal, & Gowan, 2018; Grenno & Profice, 2019; Lumber, Richardson, & Sheffield, 2017; Margoni & Surian, 2017). Com base no modelo teórico da relação entre valores, crenças e normas sociais (Chen, 2015; Chung, Kang, Dietz, Jaimés, & Liu, 2019; Stern, Dietz, Abel, Guagnano, & Kalof, 1999), em que o sistema de valores, crenças e normas influencia a maneira como as pessoas se relacionam e se comportam nos distintos contextos sócio-histórico-culturais pode-se inferir que a educação precisa fortalecer os valores mais inclusivos, socialmente justos e sustentáveis se quisermos construir sociedades mais justas, igualitárias e sustentáveis, alinhadas com os referidos ODS. Assim, será possível alcançar as metas formuladas pela Agenda Global para 2030. Porém, que valores estão sendo ensinados e transmitidos? É importante reconhecer que o processo de formação e transformação de valores envolve vivência, experiência social, ação, reflexão, provocação (Lapa & Pato, 2021). Aprende-se valores pelo exemplo, pela convivência social, mais do que pelo discurso. Logo, não basta que as políticas de educação básica considerem importante fomentar valores na formação de crianças e jovens. É preciso exercitar e vivenciar esse processo para que efetivamente se contribua para a formação de um sistema de valores e crenças centrado nos direitos humanos e na sustentabilidade da vida no planeta. No entanto, se o educador e a educadora não estiverem nesse mesmo processo de autoeducação e ampliando seus sistemas de valores em direção a um sistema mais inclusivo, justo e igualitário, como fomentar isso em seus/suas estudantes? Outro aspecto importante a ser considerado nesse processo diz respeito à necessidade de romper fronteiras e agir de forma transversal, com um olhar inter e transdisciplinar (Pato & Delabrida, 2019). Afinal, a aliança global pela vida exige esforço conjunto e reconhecimento da complexidade inerente ao seu processo para que seja alcançada. Conciliar interesses individuais e coletivos é de fato um enorme desafio. No entanto, partir de temas geradores e de situações-problema que envolvam as distintas áreas do conhecimento de forma complexa e multirreferencial pode ser um caminho profícuo. Apesar de não ser uma novidade, tal compreensão permanece como um desafio a ser enfrentado, sobretudo pelas escolas, uma vez que muitas vezes envolve uma reestruturação de relações de poder, de mudança de concepção de educação e de currículo, que sem dúvida exigem esforço conjunto e apoio das distintas instâncias institucionais. Contudo, experiências exitosas apontam com esperança para esse caminho promissor (Campos & Cavalari, 2017; Charlot, 2020; Grenno & Profice, 2019; Vieira, 2016).

Referências:

- Asah, S. T., Bengston, D. N., Westphal, L. M., & Gowan, C. H. (2018). Mechanisms of Children ' s Exposure to Nature : Predicting Adulthood Environmental Citizenship and Commitment to Nature-Based Activities. *Environment and Behavior*, 50(7), 807–836. <https://doi.org/10.1177/0013916517718021>
- Barbosa, A. L. de A., Anjos, A. B. L. Dos, & Azoni, C. A. S. (2022). Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. *CoDAS*, 34(4), e20200373. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212020373>
- Bruni, C. M., Schultz, P. W., & Woodcock, A. (2021). The balanced structure of environmental identity. *Sustainability (Switzerland)*, 13(15), 1–18. <https://doi.org/10.3390/su13158168>

- Campos, D. B., & Cavalari, R. M. F. (2017). Educação Ambiental e formação de professores enquanto “sujeitos ecológicos”: processos de formação humana, empoderamento e emancipação. *Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 34(1), 92–107.
- Charlot, B. (2020). A educação ambiental na sociedade contemporânea: bricolagem pedagógica ou projeto antropológico? *Pesquisa Em Educação Ambiental*, 15(1), 10–19. <https://doi.org/10.18675/2177-580x.2020-15124>
- Chen, M. F. (2015). An examination of the value-belief-norm theory model in predicting pro-environmental behaviour in Taiwan. *Asian Journal of Social Psychology*, 18(2), 145–151. <https://doi.org/10.1111/ajsp.12096>
- Chung, M. G., Kang, H., Dietz, T., Jaimes, P., & Liu, J. (2019). Activating values for encouraging pro-environmental behavior: the role of religious fundamentalism and willingness to sacrifice. *Journal of Environmental Studies and Sciences*, 9(4), 371–385. <https://doi.org/10.1007/s13412-019-00562-z>
- Grenno, F. E., & Profice, C. C. (2019). Experiências diretas entre crianças e natureza - educar para a sustentabilidade. *Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 36(1), 324–338.
- Lapa, L. G., & Pato, C. (2021). Formação de valores pessoais pró-sociais no ambiente escolar. *Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 38(3), 266–290.
- Lima, V. F. de, & Pato, C. (2021). Educação Ambiental: aspectos que dificultam o engajamento docente em escolas públicas do Distrito Federal. *Educar Em Revista*, 37, 1–21. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.78223>
- Lumber, R., Richardson, M., & Sheffield, D. (2017). Beyond knowing nature: Contact, emotion, compassion, meaning, and beauty are pathways to nature connection. *PLoS ONE*, 12(5), 1–24. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0177186>
- Margoni, F., & Surian, L. (2017). The emergence of sensitivity to biocentric intentions in preschool children. *Journal of Environmental Psychology*, 52, 37–42. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.05.005>
- ONU, O. das N. U. (2015). Objetivos do desenvolvimento sustentável. <https://doi.org/10.12660/gvexec.v14n2.2015.56854>
- Pato, C. (2011). Valores ecológicos. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Eds.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 296–307). Petrópolis: Vozes.
- Pato, C., & Delabrida, Z. N. C. (2019). Proposta transdisciplinar em contextos formativos: chave mestra para a sustentabilidade. In M. I. G. Higuchi, A. Kuhnen, & C. Pato (Eds.), *Psicologia ambiental em contextos urbanos* (1st ed., pp. 33–57). Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC.
- Sagiv, L., Roccas, S., Cieciuch, J., & Schwartz, S. H. (2017). Personal values in human life. *Nature Human Behaviour*. <https://doi.org/10.1038/s41562-017-0185-3>
- Schwartz, S. H. (2017). The Refined Theory of Basic Values. In L. Sagiv & S. Roccas (Eds.), *Values and Behavior. Taking a Cross Cultural Perspective* (pp. 51–72). <https://doi.org/10.1177/0146167203254602>
- Severo, D. O. (2020). Impactos da ascensão dos movimentos de extrema-direita sobre os Direitos Humanos no contexto do Brasil: uma proposta de matriz de análise. *Interações Sociais*, 4(1), 14–29.
- Severo, D. O., & Guerra, P. (2022). Extrema-direita, xenopopulismo e colonialidade: discursos de ódio e colonização do imaginário no presente. *Todas as Artes Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 5(1), 55–76. <https://doi.org/10.21747/21843805/tav5n1a3>
- Stern, P. C., Dietz, T., Abel, T., Guagnano, G. A., & Kalof, L. (1999). A value-belief-norm theory of support for social movements: The case of environmentalism. *Human Ecology Review*, 6(2), 81–97. <https://doi.org/10.2307/2083693>
- Vieira, C. M. da C. (2016). *A práxis do viver como epistemologia: O saber sentido da/na*

escola como forma de emancipação da condição humana no viver na Terra.

Universidade de Brasília.

Weller, W., & Bassalo, L. (2020). A insurgência de uma geração de jovens conservadores:

Reflexões a partir de Karl Mannheim. *Estudos Avancados*, 34(99), 391–408.

<https://doi.org/10.1590/S0103-4014.2020.3499.023>